

De ponta a ponta, os índios donos da terra deixaram pegadas. Quando tinha falésias, areia branquinha que voava no olho e cipó de pular corda no chão, Camburi tinha o nome de Piraem. Lá onde mora a Vale do Rio Doce o mar era bravio e do chão vermelho brotavam muitos pés de peri. Onde hoje se amontoam edifícios era mato puro. A ponte sobre o canal deixou passar o modelo de cidade grande. Com prédios, bares, restaurantes, coqueiros na praia, quiosques, calçadão. Antes de aterrar a beira-mar para virar avenida, a faixa de areia era tão larga que cabia uma casa de gente grande desenhada por gente miúda. Com varanda, quarto, cozinha e fogão. Aos domingos era sagrado. Enquanto os pais jogavam bola, os pequenos se

divertiam correndo para lá e para cá. Não passava carro, não existia sequestrador e ninguém se perdia naquela imensidão. Os pescadores ancoravam os barquinhos no cais improvisado. Não perderam essa mania. A praia ganhou luzes e agitada vida noturna. Acomoda o carnaval fora de época da capital, as peladas da velha guarda, um solitário motel. O miolo do bairro seguiu conservador. Tem sorveteria na esquina, farmácia, livraria, pracinhas, pizzaria, padaria e um pedaço agitado chamado Lama. A Lama é da noite. Do agito marginal. Cenário de festas à fantasia e shows de rock. É ponto do chope gelado dos universitários, quando eles deixam a sala de aula situada poucos metros adiante. O destino da humanidade, garantem, é resolvido ali.